



PIPAUS

**Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em
Artes, Urbanidades e Sustentabilidade.**

Premissas do Programa

2015

PIPAUS

Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade.

Síntese

O Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, PIPAUS, mestrado acadêmico interdisciplinar é resultado de um processo de trabalho coletivo iniciado em 2013 e é fruto do amadurecimento das atividades de pesquisa e extensão do seu corpo docente, em especial as desenvolvidas no âmbito do Grupo Transdisciplinar de Pesquisa em Artes, Culturas e Sustentabilidade, do curso Teatro e do Grupo de Estudos de Pesquisas em Educomunicação, do curso de Comunicação Social – Jornalismo, ambos do Departamento de Letras Artes e Cultura, no LAUS - Laboratório de Arquitetura e Urbanismo Social do Curso de Arquitetura e Urbanismo e do Grupo Interdisciplinar A.T.A, do mesmo curso, todos da Universidade Federal de São João del-Rei.

Outro ponto a destacar no Programa é seu forte caráter aplicado ou, por assim dizer, ativista e com ênfase nas artes (artista, portanto) e, é neste sentido que a arte é concebida nesta proposta: com base numa definição expandida que segue as redefinições de arte concebida não como um ato formal, mas como uma intervenção na sociedade, de modo que o artista trabalha em equipes comunitárias interdisciplinares e a criatividade artística já não é um ato de isolamento.

Composto por catorze professores de cinco Departamentos: de Letras, Artes e Cultura (DELAC: cursos Letras, Teatro e Comunicação Social); de Arquitetura, Urbanismo e Artes Aplicadas (DAUAP: cursos Arquitetura e Urbanismo e Artes Aplicadas-Cerâmica); de Ciências Naturais (DCNAT: Curso Biologia), de Zootecnia (DEZOO), Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis (DECAC: curso Administração)

O Programa, único na América Latina a conectar interdisciplinarmente disciplinas de artes e urbanidades com a sustentabilidade, parte da necessidade do tratamento transdisciplinar dos problemas contemporâneos para construir novas teorias e metodologias adequadas ao enfrentamento da agenda sustentável a partir do debate transversal e interdisciplinar sobre a modernidade ocidental e sua forma de produção de conhecimento, tendo as artes como elemento de ligação e um entendimento da sustentabilidade não apenas do ponto de vista das ciências naturais, mas, a partir de pressupostos que colaboram mutuamente seja em artes e/ou urbanidades, para que questões e soluções relacionadas aos campos do conhecimento envolvidos

no Programa colaborem na relação sociedade-natureza mediada pela comunicação, pela tecnologia e pelo campo de aplicações de forma a contribuir para a agenda sustentável.

Sustentabilidade, urbanismo e transdisciplinaridade: convergências

No Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS), a sustentabilidade pode e deve ser compreendida não apenas do ponto de vista das ciências naturais mas à partir de pressupostos que colaboram mutuamente, seja em artes e/ou urbanidades, para que questões e/ou soluções relacionadas aos campos do conhecimento envolvidos na presente proposta possam ser construídas com à partir de outras possibilidades e, neste sentido, enfatizamos que dentre as práticas artísticas, urbanas, técnicas e científicas, o repertório sustentável repercute em colaborações mútuas, que vêm se tornando crescentemente presentes na contemporaneidade em especial na relação entre os conteúdos da materialidade e da imaterialidade (RAYNAUT, 2014, SIQUEIRA, 2010).

Com base nesse olhar, a concepção deste programa de Mestrado fundamenta-se em um conceito de sustentabilidade que postula o exercício do diálogo entre vários campos de produção de conhecimento, atitude necessária para que se crie uma plataforma cultural crítica diante da organização cartesiana do conhecimento que vigora na Academia, na atualidade. Para tanto, os meios de comunicação – convencionais e ou alternativos – entendidos como manifestações culturais de época (MCLUHAN, 1977) podem e devem ser utilizados como ferramentas para divulgar, disseminar e expandir o modelo de produção de conhecimento proposto na presente iniciativa, tendo em vista a sua utilização nas várias disciplinas, que podem abrigar vivências educacionais dentro os métodos, recursos e práticas considerados dentro da natureza de cada assunto. Isto quer dizer que a decisão relativa à utilização de um *médium* pressupõe uma estrutura cultural sustentável, na medida em que permita e estimule a discussão e exploração desses recursos, a fim de que se potencialize o processo ensino-aprendizagem ao longo das disciplinas.

Ainda no tocante à sustentabilidade, as bases da proposta assentam-se no fato de que em 1972, a Organização das Nações Unidas (ONU) criou a Comissão Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento (WCED) a qual, em 1987, publicou o Relatório Brundtland, também conhecido como “Nosso Futuro Comum”, que alertava o mundo para a urgência de avançar rumo a um desenvolvimento econômico que possa ser sustentado, sem esgotar os recursos naturais ou

prejudicar o ambiente. Esse relatório indicou a pobreza nos países do sul e o consumismo extremo dos países do norte como as causas fundamentais da insustentabilidade do desenvolvimento e das crises ambientais e forneceu uma declaração-chave sobre o desenvolvimento sustentável, ao defini-lo como: desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades.

Como se sabe, o Relatório Brundtland preocupava-se, principalmente, em assegurar a equidade global através da redistribuição de recursos para as nações mais pobres ao mesmo tempo em que incentivava o seu crescimento econômico. O relatório também sugeria que a promoção da igualdade, crescimento e manutenção do meio-ambiente é simultaneamente possível e que cada país é capaz de alcançar o seu pleno potencial econômico e, ao mesmo tempo, ampliar suas fontes de recursos naturais. Mais ainda, o relatório reconhecia que a promoção dessa igualdade com crescimento sustentável exigiria mudança tecnológica e social. Dessa forma, o relatório destacou três componentes fundamentais para o desenvolvimento sustentável: a proteção do meio-ambiente, o crescimento econômico e a igualdade social.

Com base nos pontos acima, o relatório sustentou que o meio-ambiente deve ser conservado, que as fontes de recursos devem ser ampliadas pela gradual mudança nos modos pelos quais nós desenvolvemos e usamos tecnologia e que as nações em desenvolvimento precisam ter a possibilidade de satisfazer suas necessidades básicas de emprego, alimentos, energia, água e saneamento, sendo que para que elas alcancem isso de maneira sustentável, há que se definir um nível sustentável de população e que se repensar o crescimento econômico de maneira a permitir-lhes um crescimento de qualidade igual ao das nações desenvolvidas.

Para isso, a comissão recomendou a convocação de uma conferência sobre esses temas os quais vieram a ser tratados na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD, mais popularmente conhecida como ECO-92, Rio-92 ou Cúpula da Terra), realizada em 1992, na cidade do Rio de Janeiro, cujo principal objetivo era buscar meios de conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra. Como se sabe, foi esta conferência que consagrou o conceito de desenvolvimento sustentável através da publicação do documento que ficou conhecido como Agenda 21. Foi esse documento que estabeleceu a importância de cada país se comprometer a refletir, global e localmente, sobre a forma pela qual governos, empresas, organizações não governamentais e

PIPAUS

Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade.

todos os setores da sociedade poderiam cooperar no estudo de soluções para os problemas socioambientais.

Entretanto, se forneceu os elementos para se pensar o desenvolvimento a partir de bases sustentáveis, nenhum desses documentos dedicou especial atenção à cultura ou às artes. A declaração do Rio, por exemplo, ainda que faça alusão à questão em seu artigo 21 ao sustentar que “a criatividade, os ideais e o valor da juventude do mundo inteiro tem de ser modificados” e, no artigo 22, mencione da cultura dos povos indígenas e suas comunidades; não considera a cultura e a realização estética como potenciais de desenvolvimento social num contexto de sustentabilidade.

Foi somente em 1993 que a ONU criou uma Comissão Mundial sobre Cultura e Desenvolvimento (WCCD) a qual, em 1995, publicou o Relatório Mundial Sobre Cultura e Desenvolvimento, mais conhecido como “Nossa diversidade criativa”, que lidava com questões cruciais do tipo: seria a cultura a última fronteira do desenvolvimento? E apresentou novas perspectivas com relação à inter-relação entre cultura e desenvolvimento, ao fazer algumas propostas para ajudar as comunidades mundiais a forjarem seu caminho rumo ao desenvolvimento sem perda de suas identidades distintas. Mas, objetivamente falando, foi a conferência sobre políticas culturais para o desenvolvimento, realizada pela UNESCO, em 1998, em Estocolmo, quem, de fato, reconheceu o desenvolvimento sustentável como base fundamental para a conservação e promoção da diversidade cultural e relacionou definitivamente cultura e desenvolvimento sustentável ao afirmar “desenvolvimento sustentável e progresso cultural dependem reciprocamente um do outro”.

Por outro, no que se refere às questões urbanas, o lema da Rio 92 "Pensar Globalmente, Agir Localmente" serviu de inspiração para o capítulo 28 da Agenda 21, que pede maior atenção com as cidades, já que estas são fundamentais para a implementação das políticas propostas no documento posto que parte significativa dos problemas e das soluções nele elencadas têm raízes em atividades locais. Depois de uma série de encontros promovidos pelas Nações Unidas, foi realizada em 1996, em Istambul, a conferência Habitat II que produziu um Plano de Ação Global, a Agenda Habitat, que fornece diretrizes para a criação de assentamentos humanos sustentáveis durante o século XXI, tendo em conta a sua relação com

o meio ambiente, os direitos humanos, o desenvolvimento social, os direitos das mulheres, as questões demográficas e outros apêndices.

A partir daí, cresceu o conceito de “sustentabilidade urbana” que conforme muito bem expõem Demantova e Rutkowski¹ é aquela construída tendo por base “uma simbiose entre sustentabilidade social (bem-estar humano alcançado pelo acesso indiscriminado aos serviços de ecossistemas ofertados – de provisão, de regulação, de suporte e culturais) e sustentabilidade ambiental (gestão adequada de ecossistemas)”, o que equivale dizer que as questões ambientais não diferem das questões sociais, em um mundo que se tornou mais urbano do que rural desde 2007, porque na realidade “as soluções ecológicas e sociais se reforçam mutuamente e garantem cidades mais saudáveis, cheias de vida e multifuncionais” de acordo com Rogers e Gumuchdjan². Ou seja, é urgente o entendimento de que não é mais possível dissociar a questão ambiental da social nas discussões sobre sustentabilidade e problemática ambiental urbana.

Este entendimento foi contemplado no documento “Cidades Sustentáveis – Subsídios à Elaboração da Agenda 21 Brasileira” (2000) que aponta quatro estratégias e propostas de ação para a promoção da sustentabilidade urbana, a saber:

- “Aperfeiçoar a regulamentação do uso e ocupação do solo urbano e promover o ordenamento do território, contribuindo para a melhoria das condições de vida da população, considerando a promoção da equidade, a eficiência e a qualidade ambiental;
- Promover o desenvolvimento institucional e o fortalecimento da capacidade de planejamento e gestão democrática da cidade, incorporando no processo a dimensão ambiental urbana e assegurando a efetiva participação da sociedade;
- Promover mudanças nos padrões de produção e consumo da cidade, reduzindo custos e desperdícios e fomentando o desenvolvimento de tecnologias urbanas sustentáveis;

¹ DEMANTOVA, Graziella Cristina e RUTKOWSKI, Emília Wanda. A sustentabilidade urbana: simbiose necessária entre a sustentabilidade ambiental e a sustentabilidade social. In revista *Arquitextos* 088.07, ano 08, se. 2007. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.088/210>. Acesso em 28/10/2014

² ROGERS, Richard; GUMUCHDJIAN, Philip. Cidades para um pequeno planeta. Barcelona, Gustavo Gili, 2001. p. 32. Apud: DEMANTOVA e RUTKOWSKI, loc. cit

- Desenvolver e estimular a aplicação de instrumentos econômicos no gerenciamento dos recursos naturais visando à sustentabilidade urbana”

Para alcançar estas propostas, faz-se necessária a elaboração de novas estratégias para as intervenções urbanas, que promovam arranjos espaciais (forma e conexão) capazes de manter a gestão adequada dos processos ecológicos (sustentabilidade ambiental) e a oferta indiscriminada de seus serviços à população (sustentabilidade social), como meio de avançar no sentido da justiça socioambiental. Os planejadores, engenheiros, arquitetos e urbanistas, entre outros, devem considerar em seus projetos a identidade natural e vocação do lugar (não só físico-ambiental, mas social também), de modo a ajustar a cidade e seus espaços construídos na paisagem. Afinal, ainda há muito a avançar, pois mesmo a Rio + 20 pouco avançou em relação aos temas urbanos, conforme avaliação de uma das principais urbanistas do Brasil, Ermínia Maricato (2012).

O significado deste necessário avanço reflexivo relacionado ao ambiente urbano contribuiria assim no clareamento do "campo cego" da atual fase crítica em que se depara a relação entre sociedade e natureza, a qual foi instituída desde que as cidades foram apropriadas pelo processo de industrialização com o fim do mundo feudal (LEFEBVRE, 2004).

Para tanto alcançar estas propostas, faz-se necessária a elaboração de novas estratégias para o desenho da paisagem, que promovam arranjos espaciais (forma e conexão) capazes de manter a gestão adequada dos processos ecológicos (sustentabilidade ambiental) e a oferta indiscriminada de seus serviços à população (sustentabilidade social). Os planejadores, engenheiros, arquitetos e urbanistas, devem considerar em seus projetos a identidade natural e vocação do lugar (não só físico-ambiental, mas social também), de modo a ajustar a cidade e seus espaços construídos na paisagem.

No tocante às relações entre arte e sustentabilidade, foi a somente em 2001, na conferência da Sociedade Alemã para Política Cultural (InstitutfürKulturpolitik der KulturpolitischenGesellschaft), com a publicação do Manifesto de Tutzing, que a relação entre arte contemporânea e sustentabilidade de fato floresceu.

Este manifesto, assinado por artista e intelectuais de todo o mundo ligados ao mundo criativo (artes, arquitetura, cinema, design, publicidade, etc) sustentava que era “imprescindível conjugar o que foi começado nos processos da Agenda 21, com a política cultural” e incitar os

participantes da Conferencia Mundial de Desenvolvimento Sustentável que viria a ser realizado em 2002 em Johannesburgo, na África do Sul, para que se posicionassem em favor de “uma implicação estrutural da dimensão cultural e estética nas estratégias para que realmente seja realizado o desenvolvimento sustentável”. Dizia o texto:

“A ideia fundamental do desenvolvimento sustentável implica um desafio cultural, pois exige revisões importantes de normas, valores e práticas ligadas em todos os setores, desde a política, passando pela economia até a vida em si. Tudo que é sustentável necessita e produz cultura: como modo de comunicação e atuação que cria formas, que desenvolve, reflete, modifica através de orientações de valores e contrabalança interesses econômicos, ecológicos e sociais.”

Ou ainda:

“Como é possível fomentar comportamento criativo que incida em inspiração e emoção, em percepção sensorial e franqueza? (...) Qual é a diferença entre um estilo de economia e de vida sustentável esteticamente e as formas atuais de produção, trabalho e vida não sustentáveis? Se o Sustentável deve fascinar e ser atrativo, deve despertar os sentidos e ser lógico, então a categoria beleza transforma-se em matéria construtiva elementar de um futuro com futuro, em um meio de vida acessível a todos os seres humanos. Para que a Agenda 21 seja eficaz deverão ser implicados decididamente aqueles e aquelas atuantes que possuem a capacidade de dar vida a ideias, visões e experiências existenciais através de símbolos, ritos e práticas que podem ser transmitidas à sociedade. Desta maneira aumenta a oportunidade de travar conhecimento com o projeto Sustentável, para muitos até agora simplesmente um programa de meio ambiente, uma espécie de estratégia que garante a composição individual da liberdade para as gerações atuais e futuras.”

Como se pode perceber, esse manifesto propõe explicitamente que os artistas, e a arte, portanto, envolvam-se com a questão da sustentabilidade e do desenvolvimento. A partir de então, foram realizados, em 2006, em Budapeste, Hungria, um Simpósio Internacional em Sustentabilidade e Arte Contemporânea que se configurou como o primeiro de uma série de

simpósios e eventos anuais sobre as interfaces entre os pensamentos artístico e ambiental e; em 2007, em Lüneburg, Alemanha, durante conferência da Rede de Pesquisa em Sociologia da Arte da Associação Europeia de Sociologia, o simpósio: “Novas Fronteiras em Sociologia da Arte: Criatividade, Suporte e Sustentabilidade”, cujo foco específico foi “Sustentabilidade como nova fronteira para as Artes e a Cultura”. No volume que foi publicado sobre essa conferência, Sacha Kagan afirma - com base no breve histórico do processo de construção da inter-relação entre arte, cultura e sustentabilidade sucintamente esboçado acima - que “sustentabilidade emerge como uma nova fronteira para os pesquisadores das culturas contemporâneas” e pergunta “como esta nova fronteira está relacionada com a arte e o mundo da arte?” e “como é possível à sustentabilidade estar presente e/ou ser relevante nas artes?” .

Por seu turno, no que se refere às questões ligadas à urbanidade, como muito bem colocam Demantova e Rutkowski,

“se faz necessária a elaboração de novas estratégias para o desenho da paisagem que promovam arranjos espaciais (forma e conexão) capazes de manter a gestão adequada dos processos ecológicos (sustentabilidade ambiental) e a oferta indiscriminada de seus serviços à população (sustentabilidade social). Os planejadores, engenheiros, arquitetos e urbanistas, devem considerar em seus projetos a identidade natural e vocação do lugar (não só físico-ambiental mas social também), de modo a ajustar a cidade e seus espaços construídos na paisagem”

Neste ponto, faz-se mister saber que, na presente proposta, no que se refere à noção de urbanidade, seria impossível tratá-la em separado da de cidade. Menos ainda pensar em desenvolvimento sem modos de vida. Assim, há algumas instâncias consideradas indispensáveis à relação entre a cidade-campo e arte, via urbanidade : 1. Entre arte e arquitetura (esta entendida como lócus, ou ainda lugar); 2 . entre o material e o imaterial ; e 3. entre questões objetivas e subjetivas .

Neste sentido, pensamos a (cidade) como espaço, lugar ou região concebida pelo homem, tanto em sua materialidade física quanto afetiva e emocional, como aquela que faz sentido para

cada indivíduo e suas ações. Se não faz sentido em nenhuma dessas dimensões então não é cidade, não pode haver ação e nem tampouco (arte). (Nascimento, 2009, p. 4)

E ainda avançando , citamos abaixo o seguinte trecho que entrelaça a cidade pela arte:

“a (arte) ao ampliar cada vez mais suas fronteiras em direção a outros campos disciplinares e práticas sociais, entrelaça sentidos, e, conseqüentemente formas, integrando as disciplinas que lidam com questões estéticas, ainda que com diferenças entre ambas; diferenças que são por um lado fundamentais (a busca de autonomia disciplinar da arquitetura enquanto saber técnico) e, por outro, cada vez mais tênues (representações que, eventualmente, atingem a duração na própria arquitetura)”. (Nascimento, 2009, p. 3).

De certo modo, esse tipo de abordagem já tem levado os professores proponentes do programa a empreender atravessamentos de inúmeras fronteiras e é inicialmente neste contexto de atravessamento e com base nestas questões que a criação deste mestrado interdisciplinar em artes, urbanidades e sustentabilidades insere e justifica.

No que diz respeito à sustentabilidade, sem querer dar conta dos usos e história do conceito de sustentabilidade, o que requereria uma longa abordagem, algo que fugiria aos objetivos do presente projeto, levamos em consideração a seguinte definição, feita por Janet Moore:

O conceito fala em reconciliação da justiça social, da integridade ecológica e do bem-estar de todos os sistemas que habitam o planeta. O objetivo é criar um mundo justo social e ecologicamente dentro dos meios naturais sem comprometer as gerações futuras. Sustentabilidade também se refere ao processo ou à estratégia de mover-se rumo a um futuro sustentável. (2005, p.78)

Dentro dessa característica de reconciliação, observa-se claramente a complexidade que o termo suscita quando pensamos em sua utilização num mundo interconectado local e globalmente por processos de trocas econômicas e culturais, de crises sociais e ecológicas locais e globais e,

percebe-se que o termo exige por sua própria natureza uma abordagem inter- e transdisciplinar no que se refere à pesquisa e à ação.

Ainda de acordo com Sacha Kagan, sustentabilidade é um processo de mudança cultural que requer a promoção de ferramentas de aprendizagem e de competências que impliquem no desenvolvimento de diferentes tipos de reflexividade num contexto de modernização reflexiva. Para Barth, Godemann, Rieckmann e Soltemberg (2007:418), sustentabilidade implica competências específicas nos campos da ética, pensamento sistêmico, reflexividade, transdisciplinaridade e mudança cultural, o que a faz a emergir como uma nova fronteira para pesquisadores das culturas contemporâneas.

Mas, qual seria o objeto de pesquisa de um mestrado que se propõe a investigar as relações entre artes, urbanidades e sustentabilidade? Para responder a essa questão, Sacha Kagan oferece-nos uma pista quando sustenta que a questão da sustentabilidade nas artes está ligada a “conteúdos” e “processos”. Segundo ele, “para ser classificada como atividade relacionada com a sustentabilidade em termos de conteúdo, ela precisa idealmente conectar assuntos ligados à justiça social, diversidade cultural e ecologia”, ou seja, “explorar as inter-relações de processos culturais, sociais, econômicos, políticos e ecológicos”.

E prossegue: “sustentabilidade nas artes relaciona-se aos processos através dos quais atividades relacionadas às artes são transmitidas: pesquisa, ensino, trabalho”. E para se trabalhar com esses processos, novos modos de pensar e fazer se fazem necessários, assim como a compreensão de que a elaboração coletiva de modos de vida e dos sentidos sobre o ambiente é complexa e extrapola os limites disciplinares.

É neste ponto que a apresentação desse projeto na área interdisciplinar se justifica. Como se sabe sustentabilidade está entre os assim chamados “Wickedproblems³ ou Problemas de difícil solução” e como tal exige mais do que pesquisa meramente disciplinar que mantenha uma “*illusio*” de conhecimento de valor neutro - eles exigem prática inter e transdisciplinar,

³NT: Um “*wickedproblem*” é um problema social ou cultural que é difícil ou impossível de resolver por que combina pelo menos quatro motivos: conhecimentos incompletos ou contraditórios, o número de pessoas e opiniões envolvidas, o grande impacto econômico necessário e a natureza interconectada destes problemas com outros problemas. Cf. KOLKO, John. Wicked Problems: Problems Worth Solving: A Handbook & A Call to Action. Disponível online em: https://www.wickedproblems.com/1_wicked_problems.php#sthash.znUbveyQ.dpuf. Acesso em 06/05/2015

realizada explicitamente com elementos de reflexividade ética e estética e isso está totalmente em consonância com o que preconiza o Documento de Área Interdisciplinar da CAPES (2013, pp 11 – 12):

“A natureza complexa de tais problemas requer diálogos não só entre disciplinas próximas, dentro da mesma área do conhecimento, mas entre disciplinas de áreas diferentes, bem como entre saberes disciplinar e não disciplinar. Daí a relevância de novas formas de produção de conhecimento e formação de recursos humanos, que assumam como objeto de investigação fenômenos que se colocam entre fronteiras disciplinares. Diante disso, desafios teóricos e metodológicos se apresentam para diferentes campos de saber.”

No entender do documento a melhor maneira de vencer esses desafios é a adoção da interdisciplinaridade, como podemos constatar no texto abaixo:

“A interdisciplinaridade, por sua vez, pressupõe uma forma de produção do conhecimento que implica trocas teóricas e metodológicas, geração de novos conceitos e metodologias e graus crescentes de intersubjetividade, visando a atender a natureza múltipla de fenômenos complexos. Entende-se por Interdisciplinaridade a convergência de duas ou mais áreas do conhecimento, não pertencentes à mesma classe, que contribua para o avanço das fronteiras da ciência e tecnologia (ET: e, no entender desta proposição que ora formulamos, das artes, conforme o ponto de vista supramencionado), transfira métodos de uma área para outra, gerando novos conhecimentos ou disciplinas e faça surgir um novo profissional com um perfil distinto dos existentes, com formação básica sólida e integradora.

E prossegue:

No âmbito da interdisciplinaridade apresentam-se grandes embates epistemológicos, teóricos e metodológicos. Daí seu papel estratégico no sentido de estabelecer a relação entre saberes, propor o encontro entre o teórico e o prático, entre o filosófico e o científico, entre ciência e tecnologia, entre ciência e arte, apresentando-se, assim, como um conhecimento que responde aos desafios do saber complexo.”

Entretanto, como sabemos desde a muito, interdisciplinaridade não é algo tão novo assim – para não irmos muito longe, basta lembrar que a descoberta do Brasil por Cabral, em 1500, foi possibilitada por uma empreitada que teve início um século antes, por iniciativa de Dom Henrique, o Navegante, que atraiu sábios, cartógrafos e astrônomos, que vieram de todo o mediterrâneo, ato que criou a assim chamada “Escola de Sagres” ou então a construção das catedrais e as conquistas médicas. Entretanto, como muito bem aponta RAYNAUT:

Essas formas de interdisciplinaridade (na indústria ou na academia), apresentam um caráter pragmático, pontual – organizando-se de modo oportunista para resolverem um problema particular, mas preservando a integridade, a especificidade, de cada disciplina(2014.p.4).

Não é este o lugar que a interdisciplinaridade ocupa na presente proposta. Aqui ela é pensada como sendo uma “interdisciplinaridade de liga” termo que o referido autor muito bem define como:

“uma convergência que engendra novos campos de estudo estáveis, estruturados, institucionalizados, que podemos chamar de “interdisciplinas”. Aqui, não se trata apenas de juntar de modo temporário competências diversificadas para resolver um problema particular, mas, sim, de fundar, com uma perspectiva durável, uma nova estruturação da pesquisa e do ensino. Isto é o que eu chamaria de “interdisciplinaridade de liga” (com analogia com a liga de vários metais que dá nascimento a um novo metal)” (id)

Mas, como “ligar” as dimensões materiais imbricadas na questão sustentável (relativas à mudança climática, às estruturas, à química, à biologia, etc) com as dimensões imateriais (relativas à cultura e às artes, às relações sociais e políticas, ao espaço urbano e à subjetividade)? Como muito bem expõe Raynaut:

O universo imaterial ao qual a atividade mental do ser humano dá nascimento, apesar de obedecer a suas próprias lógicas internas, não pode ser totalmente destacado do quadro material que condiciona sua existência (p.10)

Ou ainda:

Cada vez que o ser humano interage com a materialidade, estamos frente a uma realidade híbrida. (Id. p.10)

É com base nesta realidade híbrida que pensamos a interdisciplinaridade na presente proposta: uma interdisciplinaridade que coloque o aluno como um ator capaz de lidar com a relação imaterial e simbólica, preocupada com a circulação do sentido que a sustentabilidade deve ter nas relações do ser humano entre si e com o mundo material que o cerca, cumprindo assim, os preceitos do Manifesto de Tutzing sobre o qual abordamos anteriormente.

De certo modo, esse tipo de abordagem já tem levado os professores proponentes do programa a empreender atravessamentos de inúmeras fronteiras. Nesse exercício, são caras ao grupo as fundamentações teóricas que elaboram novas lógicas de produção de conhecimentos pautadas na interdisciplinaridade, na complexidade e no pós-estruturalismo. Ademais, como outros pesquisadores que buscam conexões entre arte e ciência, nossa proposta congrega pesquisadores que “fazem das conexões arte e ciência e acontecimento e... um aventurar-se em invenções: juntar sem fundir, articular sem encaixar, dar consistência sem homogeneizar, atenuar sem anular, variar sem corresponder,” (Dias, Marques e Amorim, 2012).

Assim, o grupo desenvolve pesquisas que buscam superar noções de neutralidade das ciências, de separação sujeito objeto, de dissociação de extensão, ensino e pesquisa. Sobretudo, o programa visa produzir espaços formais de discussão de novas metodologias de pesquisa, novas perspectivas de produção de conhecimentos envolvido na complexidade contemporânea e, é fundamentado neste ponto de vista que os professores imbricados com a presente proposta decidiram unir seus esforços e propor este programa interdisciplinar de pós-graduação, unindo as experiências de atividades que desenvolvem no âmbito de suas áreas de atuação de modo a realizar uma ação conjunta que una ensino, pesquisa e também extensão.

É importante destacar que conceito de sustentabilidade será abordado desde a perspectiva de projeto de ação, e relacionado ao design⁴ responsável. Sobre este, Vilém Flusser declara que “objetos de uso são, portanto, mediações (*media*) entre mim e outros homens, e não meros objetos. São não apenas objetivos, como também intersubjetivos, não apenas problemáticos, mas dialógicos” (FLUSSER, 2007a, p. 195). Ou seja, produzir objetos

⁴ Design é entendido aqui de modo amplo, como desenho e projeto, englobando diferentes áreas do saber como as artes, teatro, arquitetura, urbanismo, tecnologia, entre outros.

comunicativos, intersubjetivos e dialógicos envolve a questão da responsabilidade e também o entendimento de que estes produtos não se resumem a seus aspectos técnicos e funcionais; há também a dimensão cultural dos objetos. Tal produção, na contemporaneidade, está diretamente associada à tecnologia digital. É imprescindível na sociedade contemporânea que se reflita sobre os encaminhamentos da tecnologia digital e sua inter-relação com o social visto que está inserida e imbricada em nosso cotidiano de modo que não podemos mais ignorar sua presença nos processos de comunicação, na arquitetura e nas artes.

Sendo assim, no âmbito do programa a tecnologia estará ligada diretamente aos meios, instrumentos e métodos das atividades humanas relacionadas às várias áreas do conhecimento como arte, arquitetura, meio ambiente, ofícios e também domínios populares, constituindo, portanto, um conjunto de técnicas de um domínio particular. No entendimento dos professores do programa, a tecnologia está ligada à história humana, sendo bastante complexa e com várias ramificações. Tal história se inicia junto com a história das técnicas e no desenvolvimento das sociedades. De acordo com Veraszto (2004), é através de um estudo da evolução histórica das técnicas desenvolvidas pelo homem, colocadas dentro dos contextos socioculturais de cada época, que se pode compreender melhor a participação ativa do homem na tecnologia, no desenvolvimento, no progresso da sociedade, enriquecendo assim o conceito que se tem a respeito do termo tecnologia.

Na técnica o principal fator é modificar, fabricar e transformar. A tecnologia vem do aperfeiçoamento da técnica, significando a razão do saber fazer, uma espécie de estudo prático da técnica que transforma e age nas diversas áreas. No decorrer da história da humanidade o desenvolvimento das técnicas e das tecnologias produzidas pelo homem alcançou e contribuiu em grande parte para o processo do conhecimento dos saberes, das artes, da arquitetura, das engenharias, portanto eis aí a importância de abordar essa área de técnicas e tecnologias em cursos interdisciplinares. A técnica e a tecnologia não consistem apenas em mercado ou produtos sofisticados. Elas estão atreladas às condições reais de vidas das pessoas, aos locais, aos costumes, às culturas, às artes, etc. É nesse sentido que se fala e se compreende a tecnologia com função de sociossistema que leva para o caminho da tecnologia alternativa e sustentável. Neste sentido, o programa se preocupa mais com a demanda social, política e econômica, utilizando da tecnologia, meios de organização social e artefatos que se integram nas áreas interdisciplinares de artes, de arquitetura, de sustentabilidade, entre outras.

PIPAUS

Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade.

Portanto, tecnologia é entendida no contexto do programa como o conhecimento de como fazer e improvisar soluções, sendo fundamental nas diversas áreas do conhecimento e em cursos interdisciplinares, na necessidade de propor e ajudar com soluções dos possíveis problemas práticos que podem surgir, de como fazer e para quem fazer, desenvolvendo ferramentas para auxiliar as diversas áreas do saber, nunca deixando de lado os aspectos socioculturais de cada local. Nesse sentido, a teoria crítica de Andrew Feenberg (1995), nos abre a possibilidade de pensar a tecnologia de modo diverso ao determinismo tecnológico que considera que seu desenvolvimento é determinado por critérios científicos e técnicos. Sua teoria apresenta um horizonte político e cultural do design para além dos aspectos funcionais e desse modo expande a reflexão sobre a relação entre tecnologia e sociedade. Essa interdependência entre tecnologia e sociedade apresenta no horizonte cultural, outra dimensão hermenêutica dos objetos técnicos. Desse modo, a interdisciplinaridade dessa proposta se dá a partir de um horizonte que contempla as instâncias técnicas e sociais do design, das artes, da tecnologia, das relações urbanas, sempre considerados do ponto de vista da sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

BARTH, Mathias; GODEMANN, Jasmin; RIECKMANN, Marco e SOLTEMBERG, Ute. Developing competencies for sustainable development in higher education. In International Journal of Sustainability in Higher Education 8, no. 4(2007):416-430

CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.

CUÉLLAR, Javier Pérez de (Org). Our Creative Diversity: Report of the World Commission on Culture and Development. UNESCO Publishing, Paris, 1996.

DEMANTOVA, Graziella Cristina e RUTKOWSKI, Emília Wanda. A sustentabilidade urbana: simbiose necessária entre a sustentabilidade ambiental e a sustentabilidade social. In revista Arqutextos 088.07, ano 08, se. 2007. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/08.088/210>. Acesso em 28/10/2014

FEENBERG, Andrew. *Alternative modernity: the technical turn in philosophy and social theory*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1995.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Organização de Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FREITAS; Lima de, MORIN; Edgar e NICOLESCU; Basarab (Orgs.) Carta da Transdisciplinaridade. *Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade*. Arrábida: UNESCO, 1994.

GUATTARI, Felix. As três ecologias. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt, 20 ed. São Paulo: Papyrus, 2001

KAGAN; Sacha e KIRCHBERG; Volker. Sustainability as a new frontier for the arts and cultures. Frankfurt am Main: Verlag für Akademische Schriften, 2008.

KAGAN, Sacha. Art and Sustainability: connecting patterns for a Culture of Complexity. Bielefeld: Transcript, 2011.

_____. Artistic Research and Climate Science: Transdisciplinary Learning and Spaces of Possibilities. *Journa lof Sciences Communication*, JCOM 14(01)(2015)C07, disponível online em http://jcom.sissa.it/sites/default/files/documents/JCOM_1401_2015_C07.pdf, Acesso em 19/05/2015.

KOLKO, John. Wicked Problems: Problems Worth Solving: A Handbook & A Call to Action. Disponível online em: https://www.wickedproblems.com/1_wicked_problems.php#sthash.znUbveyQ.dpuf

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Trad.: Martins, S. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MARICATO, Ermínia. VOZES globais – depoimento de Erminia Maricato na Conferência Rio+20. Carta Maior. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=7xH71CfLz0s>, acesso em 05 de agosto de 2013.

MCLUHAN, H.M. A galáxia de Gutemberg : a formação do homem tipográfico .Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo, Editora Nacional, 1977.

MOORE, Janet. Is higher education ready for transformative learning? A question explored in the study of sustainability. In: Journal of Transformative Education Vol.3, Nº 1, 2005. pp. 76-91.

RAYNAUT, Claude. Pensar no mundo contemporâneo e inovar na produção do conhecimento. In Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional (G&DR) , v. 10, n. 3 (número especial), p. 4-26, set/2014, Taubaté, SP, Brasil.

ROGERS, Richard; GUMUCHDJIAN, Philip. Cidades para um pequeno planeta. Barcelona, Gustavo Gili, 2001.

SIQUEIRA, Adilson Roberto. Arte e sustentabilidade: argumentos para a pesquisa eco-poética da cena. In Revista Moringa. João Pessoa, Vol. 1, n. 1, 87-99, janeiro de 2010;

UNESCO Intergovernmental Conference on Cultural Policies for Development, Stockholm: UNESCO, 1998.

UNITED NATIONS - Division for Sustainable Development. Agenda 21. UNESCO: New York, 1994.

VERASZTO, E. V. Projeto Teckids: Educação Tecnológica no Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado. Campinas. Faculdade de Educação. UNICAMP. 2004.

WCED (World Commission on Environment and Development). Our Common Future. Oxford: Oxford University Press 1987.

Documento de Área Interdisciplinar da CAPES (2013)